

## **IDENTIDADES QUE SE ENTRELAÇAM: A RELAÇÃO ENTRE BRASILEIROS E URUGUAIOS EM UMA FRONTEIRA BINACIONAL**

Lilian Vaz Quevedo <sup>1</sup>  
Fernando Jacinto Martins Neto <sup>2</sup>  
Luiza Machado da Silva<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este resumo trata de relatar a experiência de imersão, nas cidades fronteiriças Chuí-Chuy, de estudantes do curso de Letras Português-Espanhol em relação aos costumes e rotinas dos habitantes desse lugar, que convivem diariamente entre diferentes línguas, culturas e nacionalidades. Para isso, os estudantes realizaram entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, com os habitantes dessa fronteira seca, cujas cidades são divididas por uma avenida principal, durante uma visita de imersão, em dezembro de 2024. As entrevistas foram transcritas para a realização da análise e interpretação dos dados. A análise e interpretação dos dados é realizada a partir dos pressupostos teóricos da identidade e cultura com *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi* (Bauman, 2005) e *A identidade cultural na pós-modernidade*, (Hall, 2006). Examinou-se como os deslocamentos influenciam os indivíduos identitariamente, posto que as linhas fronteiriças são deveras tênues e as culturas e identidades dos habitantes entrelaçam-se. Para exemplificar isto, observou-se a ausência da obrigação de apresentar o passaporte para circular livremente no país oposto ao do seu nascimento. Nessa viagem de imersão, coligiu-se que a fronteira Chuí-Chuy é uma zona singular, visto que a relação entre as populações brasileira e uruguaia ocorre de modo que a sua tessitura propicia a sensação de que Chuí e Chuy pertencem a um só país; verificou-se que as moedas, as línguas e as culturas convivem de forma natural entre os habitantes dessa fronteira, o que não significa que não haja tensões e eles não percebem algumas diferenças palpáveis no que concerne à identidade nacional.

**Palavras-chave:** Aprendizagem de Espanhol Língua Estrangeira, Cidades binacionais, Línguas em contato, Entrevistas, Identidades e culturas.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho pretende abordar a questão da aprendizagem de espanhol como língua estrangeira através da abordagem com a utilização de entrevistas feitas durante a viagem de imersão, em 09 de dezembro de 2024 ao Chuí (Brasil) e Chuy (Uruguai), realizada pelos discentes das disciplinas de Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Espanhola I e Metodologia de Ensino de Língua Espanhola I, da carreira de Licenciatura em Português e Espanhol, da Universidade Federal do Rio Grande (Doravante: FURG).

<sup>1</sup> Graduanda pelo Curso de Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, [soyteacherdeespanol@gmail.com](mailto:soyteacherdeespanol@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando pelo Curso de Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, [fneto2030@gmail.com](mailto:fneto2030@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora orientadora: doutora, Instituto de Letras e Artes – FURG, [machadodasilvaluiza@gmail.com](mailto:machadodasilvaluiza@gmail.com).

O propósito das entrevistas foi explorar as particularidades de habitar uma zona fronteiriça, como é o caso de Chuí e Chuy. Para tal, buscou-se conhecer como é a vida em uma fronteira seca, ou seja: que é dividida apenas por uma rua. É sabido que a convivência dos idiomas dos habitantes dos dois lados da fronteira é intensa, sendo este um dos fatores que impossibilita a determinação de onde acaba um país e começa o outro dada a diversidade linguística existente na região (português, espanhol, árabe) e como se experimenta viver em dito lugar e, em geral, como se maneja a convivência entre os dois países.

O arcabouço teórico contará com o aporte dos seguintes professores-pesquisadores: Zygmunt Bauman e Stuart Hall. A contribuição de Bauman (2005) dar-se-á com “IDENTIDADE: Entrevista a Benedetto Vecchi” e Hall (2006), com “A identidade cultural na pós-modernidade”.

## **METODOLOGIA**

O campus principal da supracitada universidade localiza-se na cidade de Rio Grande (RS) e conta com demais campi em Santo Antônio da Patrulha, Santa Vitória do Palmar e São Lourenço, além de cursos na modalidade de Educação a Distância. O Campus Carreiros, situado na cidade de Rio Grande (RS), será o foco do relato a posteriori. Tal campus, conta com diversos cursos de graduação e pós-graduação, lato e stricto sensu, sendo um destes o curso de graduação de Licenciatura em Letras Português e Espanhol (em turnos matutino e noturno). A partir do 5º semestre de ensino (segundo o Quadro de Sequência Lógica do curso – oficialmente vigente de 2013 a 2023), uma das matérias ofertadas é a de Linguística Aplicada ao Ensino do Espanhol como Língua Estrangeira. E no 6º semestre, para os cursistas de tal disciplina, assim como no 8º semestre os que cursam Metodologia Aplicada ao Ensino de Língua Espanhola, tem a oportunidade de visitar<sup>4</sup> por um dia a região fronteiriça pertencente ao Chuí-Chuy.

A metodologia empregada foi a pesquisa qualitativa, através da utilização de um roteiro de entrevistas; em que cada participante deveria entrevistar como mínimo quatro pessoas nas ruas do Chuí e/ou Chuy. Estas pessoas deveriam residir em alguma dessas cidades, embora não necessariamente tenham nascido lá. Poderiam ser brasileiros ou uruguaios, preferivelmente pessoas nascidas em ambos os lados da fronteira. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio.

<sup>4</sup> Traduzidas do roteiro enviado, pela docente orientadora deste trabalho, aos estudantes para a realização das entrevistas durante a viagem.

O objetivo foi permitir que o/a entrevistado/a compartilhasse a sua perspectiva sobre as vantagens e as desvantagens de viver numa cidade binacional, abordando tanto os benefícios como os desafios. Também esperava-se que houvesse momentos de reflexão concernentes às dificuldades quotidianas que implicam trabalhar com diferentes moedas (peso uruguaio, real brasileiro, dólar estadunidense) e como essas afetam a vida diária dos habitantes da fronteira. De acordo com Bauman (2005, p. 85), entendemos que:

O conceito de identidade possui uma vasta gama de significados a ele e estes minam as bases do pensamento universalista. Em outras palavras, as lutas para definir o que é identidade não podem efetuar o exercício de identificação sem que fracione tanto quanto, ou mais do que, unir. Apesar da intenção de incluir, terminam por misturar-se com as de segregar e, por ende, excluir.

Dentre as perguntas<sup>5</sup> feitas aos entrevistados, também observam-se aspectos geopolíticos e geolinguísticos como:

- 1) Como é viver entre idiomas e nacionalidades?
- 2) Como é a convivência com os brasileiros/uruguaios?
- 3) Quais são os benefícios de viver em uma fronteira seca?
- 4) Quais são os piores problemas de morar em uma fronteira seca?
- 5) Quais costumes dos brasileiros/uruguaios você gosta? Quais lhe desgostam?
- 6) Se você pudesse viver em outra cidade brasileira ou uruguaia (que não esteja na fronteira), qual seria essa cidade?

As entrevistas foram realizadas com a intenção de seguir o roteiro, mas executá-las de modo informal. As 6 perguntas inseridas no roteiro foram feitas para cada um dos 7 entrevistados pelo coautor, obtendo variadas respostas<sup>6</sup> para as mesmas. O entrevistador permitiu-se adicionar outras perguntas que não constavam no roteiro, a depender de cada resposta obtida no ato das entrevistas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As abordagens foram feitas de uma maneira mais direta, durante atividades que o coautor se propôs a executar, acreditando que assim seria acessível uma prosa amigável com os cidadãos fronteiriços. Assim sendo, fizeram-se entrevistas em lugares, tais como:

<sup>5</sup> Por questões de ética, todos os nomes mencionados são fictícios.

<sup>6</sup> Cabe destacar que a FURG também oferece cursos de Licenciatura em Inglês e Francês, além do Português Puro, porém por uma questão de falta de verbas, somada à enorme distância entre o Brasil e outros países francófonos/anglófonos/lusófonos, os alunos do espanhol por enquanto são os únicos que conseguem uma vez ao ano conhecer um país hispanófono; mesmo estando em uma região fronteiriça.

diferentes centros comerciais; ao cliente de uma barbearia; em um restaurante (realizadas do lado uruguaio) e em uma loja de calçados (do lado brasileiro).

Nas entrevistas foram encontradas semelhanças nas respostas obtidas em campos como: comportamental, em relação aos preços/salário, à aprendizagem de idiomas, à segurança, à influência da televisão aberta brasileira na aprendizagem de língua estrangeira e ao lugar não-fronteiriço o qual desejariam morar.

Para iniciar as discussões, Zygmunt Bauman (2005) contribui com como originou-se o conceito de identidade. Segundo ele:

A ideia de 'identidade' nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o 'deve' e o 'é' e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia. (Bauman, 2005, p. 26)

Com relação ao setor comportamental, destacou-se entre os pontos mencionados a amabilidade dos brasileiros e a desconfiança por parte dos uruguaios.

De acordo com o que foi relatado pelos entrevistados a seguir, Bauman (2005, p. 27-28) nos explica que “a soberania indivisível do Estado – que, como sugere Agamben (seguindo Carl. Schmitt), consiste antes de mais nada no poder de exclusão. Sua *raison d'être* era traçar, impor e policiar entre 'nós' e 'eles'”.

Primeiramente, se mencionará a entrevista de Mário um brasileiro residente no Chuí e que já morou em *Rivera*.

Mário: Não gosto da frieza dos uruguaios. Vivo aqui há dois anos e me parecem muito frios, fechados no passado. Mas gosto do amor que têm pelo seu país. Outro dos problemas, pra mim, é que os uruguaios têm problema com o compromisso: facilmente se comprometem com algo e depois não fazem nada. O brasileiro também é procrastinador, coisa que eu não gosto, mas a mente dele é muito mais aberta a novidades.

Também obtivemos a resposta de Carolina, uma uruguaia que reside no Chuí e trabalha no Chuy.

Carolina: Acredito que a nossa richa não seja com os brasileiros e sim com os argentinos. Penso que somos muito queridos no Brasil. Nunca fui mais pra dentro, mas algum dia vou viajar. E sempre escutei que o uruguaio é bem recebido no Brasil, excetuando talvez durante os jogos de futebol; já que temos uma ferida aberta desde 1950. Mas, acredito que a boa recepção exista dos dois lados. (...) Amo meu povo. Somos muito solidários, creio eu. E dos brasileiros, amo que sempre sejam superalegres. Aonde estiver um brasileiro, haverá festa. O que eu menos gosto do Uruguai é que seja tão caro, já que realmente é um país lindíssimo e poderíamos conhecê-lo melhor; porém é muito caro, até pra nós que vivemos aqui. Eu não conheço todo o meu país! Quem dirá a metade!

Ademais, entrevistamos Héctor, uruguaio, residente na cidade de Maldonado.

Héctor: Nós da zona leste do Uruguai somos sempre muito desconfiados, já que somos muito maltratados. Aqui as pessoas são amáveis, os brasileiros sobretudo. O Brasileiro sempre está rindo, dançando, ouvindo música a todo volume, vivendo. O uruguaio sempre está mais reprimido. (...) Creio que nós apreciamos muito os brasileiros, mais do que os argentinos. O argentino te trata como escravo, ou filho.

Também obtivemos a resposta de Ahmed, natural da Arábia Saudita, que morou na Colômbia e que reside e trabalha no Chuy.

Ahmed: O que eu gosto: o povo brasileiro é sempre alegre e pra frente, não importa o que vier. Por outro lado, pro uruguaio: se o dia é feio, pra ele a semana ou o mês é feio, aí complica um pouco. Mas são maneiras diferentes de viver.

Stuart Hall (2006) esclarece nos que, em relação à aprendizagem de ELE, os conceitos de identidade podem ser identificados no excerto da entrevista de Mário:

O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis (veja Derrida, 1981). (Hall, 2006, p. 41)

Mário: aprender um idioma é uma evolução contínua. Você não percebe dia-a-dia a evolução mas percebe que aos poucos as pessoas deixam de perguntar coisas como: "O que quis dizer?", e isso dá muita segurança pra falar o idioma em qualquer ambiente.

No que está relacionado à influência da rede de televisão aberta brasileira na aprendizagem de português como língua estrangeira, tivemos as seguintes respostas:

Rocío: Digamos que é meu segundo idioma. Não custou. Já fui criada assim. Já vai no piloto automático: traduzo e falo os dois automaticamente, segundo a necessidade. Quando eu era menina, olhava muito a Globo e a Record. Tinha uma TV pequena e só pegavam esses dois canais brasileiros. Olhava sempre a TV Globinho e os desenhos. Assim foi que aprendi.

Carolina: Quando vim morar na fronteira, sabia muito pouco, já que morava em outro lugar muito perto mas não era exatamente na fronteira. A nossa antena de TV pegava o sinal de canais brasileiros como a Globo, então eu me criei vendo a TV brasileira. Então eu entendo muito, mas me falta pronúncia. Porém, isso se resolve com o portunhol de aqui. Consigo fazer o pessoal me entender, e se por acaso falam espanhol, a comunicação vai fluir mais fácil pra mim.

Com respeito à aprendizagem português como língua estrangeira, obtivemos a resposta de Romeo (um uruguaio, outro residente da cidade de Maldonado):



Romeo: Eu fui a Porto Alegre na Expointer e foi difícil entender o português. Falavam muito rápido. Tinha duas companheiras que faziam tese sobre o Brasil, e elas eram nossas tradutoras. Acho que é mais fácil um uruguaio aprender português que um brasileiro aprender espanhol.

No que tange à aprendizagem de uma língua estrangeira distinta ao português e ao Espanhol, encontramos:

Ahmed: A vantagem de viver na fronteira é que a pessoa se adapta, como é o caso de agora por exemplo: estou falando em espanhol contigo, e pra mim foi mais fácil que aprender português. Domino o português fluentemente, porém a fronteira é assim: você tem que se adaptar. (..) Vivi muitos anos na Colômbia, e quando cheguei no Uruguai foi difícil. Existem palavras que você não pode dizer de um país para outro porque o significado ou os fins de uso mudam completamente.

No que diz respeito à segurança, obtivemos as seguintes respostas:

Carolina: O que menos gosto do Brasil é a falta de segurança. Não há alguém que nos apoie no Chuí, tipo uma Brigada<sup>7</sup>. Já roubaram a minha casa e eu não tive a quem chamar, já que não tem a quem acudir. Eu sei que vivendo do lado uruguaio eu tenho o apoio da polícia. No Brasil me roubaram várias vezes e ninguém me ajudou. Para chamar a Brigada a burocracia é enorme.

Rocío: Dos dois lados, o que eu não gosto é a delinquência.

No que concerne aos preços e salário, deparamo-nos com:

Carolina: Acredito que os salários, não só nesta fronteira mas em outras também, deveriam ajustar-se à condição dos cidadãos, que vão e vêm constantemente de um lado pro outro. No Brasil é tudo mais barato, é verdade, mas o salário não compensa; e menos em uma região como o Chuí, onde todos ganham em pesos. Quando eu trabalhava no lado brasileiro, a minha vida era muitíssimo difícil. E realmente o preço de fronteira é mais barato, mas pra quem ganha em reais acaba sendo caro porque as lojas e os comerciantes de todos os lados da fronteira se adaptam aos preços uruguaiois.

Héctor: O Uruguai pra eles é caríssimo. Ir a Punta del Este é só pra quem é de classe A, ou superior.

Romeo: Considero que pra vocês seja mais difícil vir ao Uruguai, economicamente falando, devido ao valor das coisas aqui e pelo peso uruguaio. Pra nós acho que é mais fácil ir ao Brasil.

<sup>7</sup> No estado do Rio Grande do Sul (RS), ao contrário do resto do país, chamamos de Brigada Militar, nos demais estados brasileiros chamam-na Polícia Militar.

Com relação ao lugar não-fronteiriço em que os entrevistados morariam, deparamo-nos com:

Carolina: No Uruguai eu viveria em Maldonado. E no Brasil eu adoraria conhecer Santa Catarina, Florianópolis, mas acredito que seja por turismo. Para ser sincera, eu não conheço Brasil adentro. Vi o mapa, mas nunca fui além do Chuí. Adoraria conhecer o Cassino, em Rio Grande.

Mário: Se eu pudesse, viveria em Maldonado no Uruguai. É uma cidade mais de interior, mas não é tão parada. Estive lá por dois meses. No Brasil, não sei te dizer uma cidade em específico, mas acho que seria em Santa Catarina.

Ahmed: sinceramente, gostaria muito de viver no estado de Santa Catarina. Vários dos meus irmãos moram em cidades de lá

Rocío: E no Uruguai, creio que viveria em *Cabo Polonia* e no Brasil, provavelmente Camboriú ou Florianópolis...

De acordo com Hall (2006), e tendo em vista os excertos expostos anteriormente, podemos pensar que:

Ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. Este “local” não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente; novas identificações “globais” e novas identificações “locais”. (Hall, 2006, p. 77-78)

Com isso, gostaríamos de estabelecer alguns questionamentos através das citações e das entrevistas expressas anteriormente:

- O que é ser um cidadão fronteiriço?
- Se nasce fronteiriço ou torna-se fronteiriço com o tempo?
- Viver em uma região de fronteira faz de você automaticamente um fronteiriço?
- Onde fica a linha que separa o cidadão de um país do estrangeiro em contextos de fronteira?

Mário, o único cidadão brasileiro com o qual pode-se fazer uma entrevista, é um fronteiriço em formação de identidade, tendo em vista que já viveu em diferentes contextos de cidades diferentes (Rivera, Montevideo, Chuí-Chuy), e pelo seu conhecimento sobre como funcionam os idiomas, as moedas e os caracteres das distintas pessoas tanto de um lado como do outro lado da fronteira, somado ao seu

pouco tempo vivendo nestas regiões, pode-se interpretar como uma pessoa cuja identidade está constantemente em movimento.

Hector e Romeo, pai e filho residentes em Maldonado, não são fronteiriços por motivo citado anteriormente. Usam da fronteira sobretudo como um meio de economizar nas compras e no preço dos serviços, mas isso não faz deles cidadãos fronteiriços.

Ahmed, devido a experiências anteriores de vida, seria qualificado como nômade, já que viveu em distintos países e esta é só mais uma de suas experiências de vida. Por tanto, não se pode qualificá-lo como fronteiriço.

Rocío e Carolina são fronteiriças. A primeira foi criada em contextos fronteiriços desde nascida e a segunda está adquirindo experiência, já que não vivia exatamente na fronteira, o que não diminui seu caráter de cidadã fronteiriça, tendo em vista que vive de um lado, trabalha de outro, convive com seus familiares no lado uruguaio e no seu trabalho tem de atender aos cidadãos de ambos os lados da fronteira, para o qual tem de usar ambos os idiomas apesar de não ter tanta fluência no português como a primeira citada neste parágrafo.

A partir dos diferentes contextos de vida em região fronteiriça Chuí-Chuy, expostos anteriormente nos questionamentos propostos e com citações das entrevistas, Bauman nos faz refletir sobre a identidade da seguinte maneira:

As identidades modernas<sup>8</sup> estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Seu propósito é o de explorar esta afirmação, ver o que ela implica, qualificá-la e discutir quais podem ser suas prováveis consequências. Ao desenvolver o argumento, introduzo certas complexidades e examino alguns aspectos contraditórios que a noção de “descentração”, em sua forma mais simplificada, desconsidera. Esses processos de mudanças tomadas em conjunto representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada. (Bauman, 2005, p. 8-10)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao haver um conflito gritante entre L1 e L2 (L3 em alguns casos) nessas regiões de fronteira, muitas perguntas foram respondidas em português ou portunhol pelos entrevistados, que sempre que se sentiam à vontade no decorrer da conversa passavam a comunicar-se

<sup>8</sup> Zygmunt Bauman expõe em seu livro intitulado “Modernidade líquida” (2000, p. 7) que “fluidez” é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, com a autoridade que tem, nos informa, é que eles “não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis” e assim “sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão”.



automaticamente em espanhol. Os casos que mais se destacam são: Carolina, Rocío e Mario, duas mulheres fronteiriças e um jovem residente na fronteira cujas competências orais constantemente sofrem influência ou interferência da L1 para L2 e/ou vice-versa. Tanto é assim, que no caso mais notório, Mário, percebe-se a mescla de sotaques e de palavras do espanhol na sua entrevista. Sua identidade linguística vem sendo modificada desde que chegou a Rivera, como ele mesmo mencionou durante a entrevista, passando um tempo em Montevideo e agora vivendo na fronteira Chuí–Chuy. Percebe-se um claro começo de bilinguismo, pese a não intencional, presente na sua fonética e no seu vocabulário.

Em virtude do que foi exposto, infere-se que viver na fronteira é ser maleável, em todos os aspectos possíveis. Como o próprio Ahmed citou durante a entrevista e faz-se a paráfrase aqui, vivem em um constante choque cultural, convivendo com distintas nacionalidades: brasileiros, cubanos, argentinos, uruguaios, árabes, etc; também adotando diferentes moedas de câmbio: real brasileiro, peso uruguaio, dólar estadunidense. Se você não for uma pessoa maleável, aberta às diferenças, a fronteira não é o lugar mais adequado para você. Voltando ao que dizia Ahmed sobre este aspecto, antes de viver na fronteira ele morou por um tempo na Colômbia, não sentindo o mesmo afeto que sente na região do Chuí–Chuy.

Com relação a isso, Bauman (2005, p. 17-18) nos diz que a identidade não tem a mesma consistência de uma pedra; ou seja não é estática para durante toda uma vida, pode transformar-se como um camaleão e depende de diversos fatores ligados ao ser humano, sobretudo a capacidade deste de sempre desprender-se, sendo esta uma atitude que deve ser tomada múltiplas vezes. A identidade não acontece enquanto o indivíduo estiver arraigado às suas raízes; em outras palavras, para esse pesquisador o conceito de identidade não existe sem o desprendimento.

Sobre afeto, cinco dos sete entrevistados (os cinco são uruguaios) destacam a amabilidade do povo brasileiro e destes cinco quatro destacam a frieza e a desconfiança do povo uruguaio. Mário, o brasileiro, também destacou a frieza uruguaia e Ahmed, o árabe, também destacou o calor brasileiro. Porém para Rocío, uma dos cinco uruguaios, os mesmos são muito amáveis.

No âmbito econômico, quatro dos entrevistados (uruguaios), destacam o preço excessivo dos produtos Uruguaia dentro e Carolina, uma dos quatro, destaca o preço excessivo da fronteira em relação ao resto do Brasil, salientando que para uma melhor subsistência deve trabalhar de um lado da fronteira e viver de outro. Mário, o brasileiro, destaca que: muitas vezes, o preço de compra de um produto em uma região de fronteira é definido pelo idioma do falante, sendo este o comprador.

No âmbito televisivo, as duas jovens uruguaias, Carolina e Rocío, destacam a influência que a TV aberta teve na sua aprendizagem de L2, sendo Rocío quem mais se beneficiou de tal aprendizado por ser uma cidadã fronteiriça nascida em âmbito fronteiriço. Carolina entende o português, porém sua competência oral se vê afetada pela falta de prática: consegue manter uma conversação básica enquanto faz seu trabalho, o qual não revelaremos aqui, mas segundo a mesma informa, seu português não passa disso; sendo necessário o uso do espanhol para demais informações.

No âmbito segurança, jovens supracitadas relatam o desagrado com a falta de segurança policial, sendo Rocío quem se queixa da delinquência em ambos lados da fronteira. Por outro lado, Carolina apenas diz ter apreensão em viver no lado brasileiro devido à falta de policiamento e à excessiva burocracia para a efetivação de uma ocorrência policial em caso de roubo; situação que ela já vivenciou várias vezes.

Para concluir as reflexões no que diz respeito à identidade, Hall (2006, p. 13) nos faz pensar quando ele diz que o sujeito que, em um princípio é único em convicções e identidade sofre inúmeras alterações nela; conforme as suas experiências de vida, o que lhe dá várias identidades, que se conflitam no espaço de sua existência. A identificação em si tornou-se um problema que não se pode resolver em várias oportunidades.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: **Jorge Zahar**. Ed. 2005. 110 p.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed, – Rio de Janeiro: **DP&A**, 2006. 104 p.